

Manchete

Cr\$ 10,00 • N.º 1.201 • RIO DE JANEIRO, 26 DE ABRIL DE 1975

Carlos Lacerda escreve

em cores

**O BRASIL E
AS ELEIÇÕES
EM PORTUGAL**

**BRASÍLIA
15 ANOS**

Rio
Manaus

10.000 KM DE MOTO

■ **ISABELITA**

Entrevista
exclusiva

ADOCÇÃO

**O drama dos
bebês vietnamitas**



BELEM, MANAUS, BOA VISTA, MACAPA E ACRE (VIA AEREA): Cr\$ 14,00 • PORTUGAL ESC. 30\$00

OTTO LARA RESENDE

● "O homem é um animal gratuito" ● "Fui o único mineiro que deixou de ser diretor de banco" ● "A política talvez seja uma forma de tentar driblar a morte" ● "O humor é o melhor canal para dar notícia da vida. Deus é humorista"

Entrevista a Paulo Mendes Campos

— Quem é Otto Lara Resende?

Foi a única pergunta que lhe fiz, ao escritor, ao jornalista, à personalidade, à personagem, ao mito. A resposta demonstra que às vezes a boa reportagem depende muito mais do assunto que do repórter ou que ao bom entrevistado uma pergunta basta:

"Eu sou daquele tipo de chato a quem não se pode perguntar como vai. Porque respondo, explico, entro em pormenores. Sou um pobre menino do Matola, de São João del Rei. Mudei muito. E não mudei nada. Parece que de repente, tendo eu dormitado, tiraram o cenário, mudaram a peça. Tenho de rebolar pra não ficar anacrônico. No fundo, estou mais perto do meu avô que dos meus filhos. A idéia que faço de mim? Delicado pra fora, violento pra dentro. Um falante que ama o silêncio. Solicitude e esquivança compõem o meu espectro. Gosto de partilhar, sou bisbilhoteiro. Gostaria de ajudar todo mundo, de viver todos os lances. E gostaria também de estar fora do mundo. A gente é em boa parte o que os outros acham. Hoje tenho um certo orgulhoso desprezo pelo juízo alheio. É pecado, não é? Mas estou programado para conviver e sempre operando na faixa da delicadeza. Gosto de gente. Até acho que dependo de gente. Mas posso viver sozinho. Sou casado, casadíssimo, com a família toda. Como pai, me considero uma mãe exemplar."

Ledor de vida de santo

"Ser escritor, só pensava nisso. Fui estudar Direito porque os escritores estudavam Direito. Depois, acabou tudo, né? Perdi a fé em mim. Perdi a fé na literatura. Talvez agora eu possa pensar em escrever. Vivo, sobrevivo porque tenho esse recado, esse telegrama a entregar. A gente vive e fica devendo um testemunho, um troço. O que não me atrai é vida literária. Mas gosto da companhia dos escritores. Gosto de livro. Meu único esporte. Não faço ginástica. Leão não faz ginástica, dizia o San Thiago. De uns anos pra cá, leio jornal e revista como um louco. Uma junta médica me internaria se verificasse o sono que perco com essa leitura. Graças a Deus, não me interesse por futebol. No mais, quem é OLR? Batizado, católico sem muita indagação, pouco prático, individualista, temeroso e temente, sentimental e meninamente ledor de vida de santo, comovível por todo ato de bondade. Nascido a 1.º de maio de 1922. Bacharel, funcionário, jornalista

a partir dos 16 anos. Sou um sobrevivente sob os escombros de valores mortos. Infância sem privação, mineira, com espaço, muita festa religiosa, tudo barroco, a família, domingos, pastel, doce de coco, um pouco de asma. Joguei pelada. Joguei vôlei, joguei basquete. Fui craque no pingue-pongue. Corria bem pra burro. Tinha medo d'água, tenho até hoje. Fui bom aluno, às vezes casualmente ótimo. Mas nunca tive método. Sou de vocação um pobre. Meio guloso, tendente a gordo contra minha vontade. Pra andar razoavelmente bem vestido, tenho de fazer força. Só gosto de banho, limpeza, aprendi com minha mãe. A gente tomava banhos homéricos. Até hoje lavo muito as mãos. Freud explica. Corto muito as unhas. Sou meio orgulhoso, mas democrata. Tenho dor de cabeça. Muita. Adoro tomar remédio. Tenho dor de cotovelo, cotovelo de tenista, bursite, dói pra burro. Saúde, boa. Melhora com a idade. Aos 80, estarei perfeito. Confio no meu coração, mas tenho medo do enfarto. A morte tornou-se palpável, com a idade. Perdi o medo. Só não quero morrer de repente. Detesto acordar no meio da noite, perder o sono, vir pensamento ruim. Me sinto, insone, numa enfermaria geral de um hospital de indigentes. Fico um coelho. E viro um santinho. Tenho uma fé em Deus! Medos, tenho hoje poucos. Um medinho de envelhecer sem dignidade. Medo do ridículo."

Uma nostalgia da universidade

"O jovem escritor, você conheceu. Ardente, fervoroso. Perdi o entusiasmo. Vi por dentro o mecanismo da notoriedade literária. Fui crítico, contista, novelista, até poeta. Mudei e não mudei. Vivi sempre junto dos chamados órgãos de comunicação. Conheço as imposturas. Fui professor no ginásio, gostei muito. Sempre desconfiei que eu dava bom professor, devia continuar. Sou doído por universidade. Gostaria de ter feito uma boa universidade, espichado os estudos no exterior. Toda vez, na Europa ou nos Estados Unidos, que visito universidade, taro."

Mineiro no Rio

"Vim pouco depois de acabar o Direito, correndo. Entrei para o Diário de

Notícias e para O Globo. E fui fazer a Constituinte de 46. Trabalhei em mil jornais, a semana inteira, o dia inteiro, a noite inteira. Não tinha especialidade, fazia de tudo. Depois fui para o Correio da Manhã. Em 1950, durante a segunda campanha do Brigadeiro, o Álvaro Lins achou que eu devia dizer sobre a situação pro Paulo Bittencourt, que ele Álvaro achava muito sensato. O Paulo estava meio alto e me deu bilhete azul. O Costa Rego conseguiu a minha readmissão, mas eu não quis. Um pouco por orgulho, um pouco porque eu queria namorar. Trabalhei pra burro. Até hoje, não enjeito trabalho, mas ando querendo encostar o corpo. Já fiz até suplemento agrícola. Sempre na tarimba, me guardando pra literatura. E sempre fui também funcionário, desde o Serviço do Imposto Territorial em Minas. Aqui no Rio, recusei o Ipase, estive um dia no IBGE, fui controlador mercantil e acabei procurador do ex-Estado da GB. Do Flan fui para a MANCHETE e, contra minha vontade, acabei diretor, por uns quatro anos. Nunca fui de parar muito nos empregos. Aí, surgiu o Itamaraty. Fui feito, por contrato de dois anos, professor de Estudos Brasileiros no Benelux. Virei adido. Fiquei três anos. E continuei ligado à MANCHETE. Bruxelas foi muito bom, fiquei sozinho, parei pra pensar, e por mim teria ficado na Europa, já tinha arranjado um contrato na UNESCO. Helena, minha mulher, depois que eu assinei começou a chorar e me pediu pra voltar; passei pelo vexame de voltar atrás, pensei em ir para Madri, acabei no Brasil mesmo: tem bububu no bobobó, cheguei aqui com esta verdade por todo lado. Cai em depressão. Bom, fiquei escrevendo para a Bloch, fiz mil coisas do gênero, entrei pro Jornal do Brasil, acabei diretor, saí correndo pra Lisboa, de novo adido e mal pago. Foi bom, trouxe minha filha Heleninha. Quando fui para Lisboa, estava na TV Globo. Nunca me considerei uma pessoa talhada para dirigir. Deixei sempre a vida acontecer. Pois não fui até diretor de banco? Fui. Renunciei. Devo ter sido o único mineiro que deixou de ser diretor de banco. Curioso: ninguém me pediu um papagaio enquanto fui diretor do Banco Mineiro da Produção. E sempre me pediam antes, pra outros bancos. Hoje estou careca e velho, como diz Heleninha, mas lindo (ela morde e sopra). Acumulo careca com cabelo branco. Sonho com um pouco de calma, parar, viver mais pra mim. Conheci muita gente, passei por muitos lugares, tive muitas encruzilhadas, aprendi



um pouco, no fundo não me deixei tocar, sou um coração inclinado à misericórdia. Tenho raivas passageiras, faço cá meu juízo sobre coisas, fatos e pessoas; o que seria interessante dizer é cedo ou inconveniente. Talvez saia o meu novo livro de contos, vale a pena? O papel está tão caro, tanto livro, meu Deus! Tive mais do que pedi. Hoje estou na TV Globo como diretor-adjunto. Vou levando. Bom mesmo é vadiar, como prega o Braga. Às vezes me sinto como alguém que esqueceu alguma coisa em algum lugar. Não sei que coisa, que lugar. Nem sei que alguém. Eu. Quem sou eu?"

O espetáculo político

"Daqui a pouco, raia a manhã e eu estou aqui, narciso noturno, a falar de mim. Quem fala de si quer a própria glória — é assim, quase assim, que diz o Evangelho. A culpa é sua. Jornalista a vida toda, acabei jornalista. Sobre a profissão, tenho cá minhas idéias. Meu horror à censura, antes de tudo. Comecei no Estado Novo, com censura oficial. Vi chegar a liberdade de imprensa em 1945. Trabalhei com afinco, quase diria com entusiasmo, num jornal como o Diário de Notícias, do Velho Dantas. Jornal udenista, meio pra frente. O udenismo não estava envolvido por aquela vaselina fariçaica. Moço, exagerei minhas convicções, apesar de uma cautela, uma ponta de ceticismo. De tudo, ficou a certeza de que a liberdade é melhor. De que jornalista tem de ser livre. Tenho horror ao arbítrio. Não simpatizo muito com o princípio tout court de autoridade. Prefiro a autoridade consentida, a que congrega, que motiva, mas não submete. Horror ao arbítrio. Como jornalista e como curioso, conheci muitos políticos. Casei numa família de políticos. Aproximei-me do espetáculo político pelo que há nele de fascínio humano. A política talvez seja uma forma de tentar driblar a morte, uma busca de algo mais alto, de superação. Mesmo os piores. Não guardo muito boas lembranças do espetáculo, mas tenho uma simpatia pelo político. Vi políticos em momentos decisivos. Vi a solidão de alguns. O acabrunhamento. É um risco, um jogo arriscado. Se eu fosse político, havia de querer logo o máximo. Quem quer ser vereador quer ser presidente da República. Por que se contentar com o final do bilhete premiado, o mesmo dinheiro? Até moralmente é válido, pra fazer o bem. Fazer o bem é uma

racionalização? Quase sempre é. Eu poderia ser médico. Gostaria de ser, tenho bossa, entendo doentes. E não tenho o menor jeito para a medicina. Juntar o pensamento à ação, que coisa difícil. Foi o que fez D. Helena Antipoff. Só é grande o que sai de si, o que se sacrifica, se mata pelos outros. O egoísmo é um brejo. Quer a total doação. A superação do comodismo. Causas que tocam, me tocam: presídios, preciso um dia analisar meu movimento de simpatia pelos presos, por qualquer um. E por essa outra prisão, a do menor, da criança desamparada. Dói nunca ter feito nada. Num país como o Brasil, esse enxame de crianças miseráveis, maltrapilhas, dói ser brasileiro. Tantas coisas vexatórias: brasileiros divididos. A ação política é cruel, baseia-se numa competição animal, é preciso derrotar, esmagar o inimigo. Sou visceralmente conciliador. A coisa que mais admiro no mundo é ponte. Mas perdi a capacidade de me irritar diante do que me parece iníquo, mesquinho, avaro. Sou pessimista sobre o homem: saco de esterco ambulante, com direito a florir. Alguns florescem. Poucos. Mas não me levo muito a sério. Escrevendo, tendo ao dramático, ao dramalhão, ao heróico. Mas gosto de graça, rio, acho graça na vida, no espetáculo humano. Meu humor me ajuda a viver. Passo do trágico à abordagem humorística. Sempre fui assim, meio gaiato. Não seria médico (seria?), mas seria ator. Porque tenho a consciência do drama, sou um humorista amador. Gostaria de saber fazer alguma coisa com as mãos. Gosto de cartunistas. Sou leitor atento de páginas fúnebres. Tem mais gente conhecida minha do que na coluna social. Os colunáveis estão nos avisos fúnebres. Escrevendo, tendo ao triste. Quer coisa mais deprimente do que o meu Braço Direito? Acabei de dizer isto, e já não acho: o Braço Direito é um livro engraçado, de rolar de rir. Um dia, de madrugada, meu irmão chegou em casa e me encontrou sozinho, rindo à toa, feito maluco. Era do meu romancinho. Escrevi o Braço Direito e nunca entrei num orfanato. Só via um, em São João, pelo lado de fora, e era de meninas, camisolão, como no poema do Bandeira (minha admiração ao Manu: tem a naturalidade, respira naturalidade, na prosa e na poesia, tem frescor de infância, poeta que até na maldade, se tinha, era lírico, puro)."

"POLÍTICA é emboscada. Esperar o cavalo passar arreado na porta, como dizia o Getúlio, grande político"

Por que escrevi os contos terríveis (que nada!) do **Boca do Inferno**? Um senso trágico da vida, da infância. Sempre desconfiei, desde menino, que criança é séria, sofredora, é trágica. Mesmo criança feliz. Com o tempo, a vida vai fazendo de todos nós uns sem-vergonhas, indiferentes, fazendo ninho no cotidiano. Raros resistem ao confortismo. Pretendo ter ainda meus rompantes, meus compromissos de dignidade, minhas reservas de maluquice por indignação moral. Me pretendo o máximo de tolerante, mas quero ser exigente para comigo mesmo. Daí me puno um pouco, tenho insônia. Passo de uma quase euforia, da felicidade animal, à depressão. Tenho depressões caninas, brutais. De repente saio da depressão como quem salta de um buraco.

Quero ser rei de França

— Creio-me tão humilde, tão não-querendo-nada-de-nada. E quero tudo. Quero ser rei de França. Gostaria de intervir em tudo, eleger o suplente de subsecretário de um clube suburbano que tivesse por objetivo qualquer causa idiota. E não quero nada. O sonho de um dia voltar para a gleba, sumir. Sou imóvel e semovente. Sou um poço de contradições. Posso me levar a sério? Depois dos 50, a vida precisa de um anestésico. O uísque é um, euforizante. Mas não quero depender do álcool. Tenho medo do alcoolismo, tenho medo do jogo, tenho medo de bolinhas. Medo de tudo que me atrai. Sou arisco, muito arisco, quando me sinto fascinado. Sei que tudo implica um risco. Quero correr risco. E sou tão prudente, tão cauteloso, tão conselheiral. E ao mesmo tempo: irreverente. Gostaria de saber tantas coisas ou de saber uma coisa só, mas muito bem. Sou versátil, o que é melhor maneira de nada saber. Sou jornalista, especialista em idéias gerais. Sei alguns minutos de muitos assuntos. E não sei nada. Nem literatura. Ficou tão complicado saber literatura. Desisti de saber. Quero ser ignorante, inocente. Queria ser natural e corrente como um córrego. Há momentos em que entendo tudo, vejo tudo, tudo fica claro. Sou vidente. Transvejo. Sei de tudo. E não sei de nada, estou preso num quarto escuro, numa alcova infantil. Estamos presos sempre: no útero, no berço, no quarto, na sala de aula, na casa, no casal, no caixão, na sepultura. Ser encarcerado, o homem. E vocacionalmente voltado para a liberdade. Não tenho dúvida nenhuma de que somos seres destinados a voar e, exatamente por isto, não temos asas. Gosto de cerveja. Gosto de ter sede. Tomo pouca cerveja. Tenho horror a rato. Gostaria de gostar mais de passari-

nhos, de cachorros, de bichos. Não gosto do intelectual que sou. Não é meu gênero. Sempre achei que detesto telefonar. E todo mundo ri, diz que eu adoro telefonar. Não me conheço então. Há um lado pobre-diabo em mim; os pobres-diabos logo farejam e se irmanizam, me perseguem, não me largam. O sujeito humilde cuja sogra tem reumatismo deformante, vê logo que eu sou o confidente ideal, me envolve, me mobiliza. Agora procuro me defender. Estou cansado, velho. É uma dependência neurótica. Já me explicaram, Freud sempre explica. Eu me iludo pensando que é uma inclinação misericordiosa, meu consentimento. Mas já não há virtudes. Tudo é dependência neurótica, é mecanicismo que independe da nossa vontade. Eu creio nisto, mas não creio nisto. Sei que é mentira. Sei que sobramos, derramamos para fora dessa racionalidade. Tenho pena de muita gente. Tenho pena do homem. Tenho pena de mim.

Confissão geral

— Eu dou muito pé. Todo mundo vê logo que eu dou pé. Sei guardar segredo. Adoro segredar, adoro confidências. Ao mesmo tempo, sou bicho do mato. Levo a sério todo mundo, e não levo, a vida não é séria. Deus é humorista. O **humour** é o melhor canal para dar notícia da vida, da nossa tragédia interior e exterior. Confissão geral, quem não quer fazer? Não será isso que leva as pessoas à arte? A compulsão de ser interessante, de ser um caso, nem que seja só para o analista, pagando. Tenho horror ao ressentimento. E é contudo um mel amargo, um óleo sujo, sempre ameaçando. É preciso não entrar

na intimidade abjeta do homem. É preciso não fazer da literatura uma sarjeta, engrossar a abjeção humana. E todavia longe de mim atitude edificante. E politicamente? Quero a paz, quero a ordem, e quero a explosão de tudo. Fujo da crise, mas sei que a crise é criadora. Talvez sonhasse em ser suíço, neutro, Cruz Vermelha, estar na guerra sem ser da guerra, ajudar os guerreiros de todos os lados, fazer a guerra em nome da paz. E tenho um lado rebelde, um desafio como um soluço na garganta. Política é a arte de enfiar a mão no excremento. Os delicados (vide Milton Campos) pedem desculpas e se retiram. Eu acho que podia ser político, tenho umas espertezas aldeãs, podia ser político municipal. Mas Deus me livre, me livrou. Política é emboscada. Esperar o cavalo passar arreado na porta, como dizia o Getúlio, grande político. Minha visão dele, com o tempo, mudou, melhorou a imagem dele. Para abraçar ou apunhalar, é preciso estar colado à vítima, do abraço ou do punhal. Todo amigo é inimigo. Todo inimigo é amigo. O consabido, como diria o Rosa. Aliás, o Rosa pensava umas coisas engraçadas sobre política. Conversadas, nunca escritas. Aquela história de mandar fuzilar o adversário "para averiguações". Ele se divertia. A grande contribuição de Minas Gerais para a cultura universal é a tocaia. A tocaia é uma homenagem à vítima. Morre sem aviso prévio, delicadamente, se possível desconhecendo o autor da cilada. Mas você vai mesmo publicar este choro, esta jeremiada? Quem mandou? Não vale a pena chorar. Alguém jamais chorou por valer a pena? O homem é um animal gratuito. Chora e ri porque chora e ri. Sem motivo. **Ciao.**

Paris, 1967, com Chico Buarque de Hollanda, Jenner Augusto e Edu Lobo. Otto Lara foi professor de Estudos Brasileiros no Benelux, adido na Bélgica, em Portugal, e chegou a assinar um contrato com a Unesco em Paris, mas acabou mesmo voltando para o Brasil.

